

# A FICÇÃO DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL E O DISCURSO HISTÓRICO

*Fabrcio Flores Fernandes\**

*A*s relações entre ficção e história na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil são reveladoras da intenção do autor de questionar e relativizar os relatos cristalizados na historiografia oficial. O conhecimento de trabalhos teóricos como os de Linda Hutcheon, Seymour Menton, Peter Burke e Walter Benjamin, dentre outros que se ocuparam das investigações sobre as formas de escrita da história e de como ela se manifesta na literatura ficcional, constitui auxílio valioso na interpretação do romance *Bacia das almas*, que tem como pano de fundo a história do Rio Grande do Sul. Tal romance de Assis Brasil ficcionaliza personagens históricas e insere personagens fictícias nos acontecimentos reais, ocasionando um entrelaçamento entre a história conhecida e a ficção que a reinventa.

---

\* Acadêmico do Curso de Letras do Centro Universitário Franciscano. Artigo resultante de monografia orientada por Zília Mara Scarpari, professora da mesma Instituição.

## Introdução

As novas perspectivas que alcançaram os estudos literários e históricos, com o conceito de interdisciplinaridade fundamentando a construção do conhecimento, permitem outras leituras tanto da ficção literária contemporânea quanto da história do Rio Grande do Sul – que não aquela estabelecida nos registros oficiais. É particularmente pela ficção que se desvela o imaginário de um povo, calcado na trajetória de seus ancestrais. Essa trajetória é revista por Luiz Antonio de Assis Brasil nos romances *Um quarto de légua em quadro*, *A prole do corvo* e *Bacia das almas*.

Assis Brasil nasceu em Porto Alegre, em 1945, mas passou a infância em Estrela. Voltou a Porto Alegre para estudar com os padres jesuítas e formar-se em Direito, em 1970. Participou como violoncelista na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, mas acabou por substituir a música pela literatura. Doutor em Letras, atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atuou na administração pública, exercendo a diretoria do Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre e do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, além de ter sido subsecretário de Cultura do Estado.

Apesar de já ter recebido diversos prêmios, dentre os quais o Prêmio Literário Nacional, do Instituto Nacional do Livro, em 1988, pelo romance *Cães da Província* (1987), a crítica sobre a obra desse autor gaúcho é ainda incipiente. Tanto que, embora na esteira da tradição épica de Érico Veríssimo e com igual força narrativa, ao contrário deste, não tem ainda o novo escritor a merecida projeção no cenário da literatura nacional. Seus livros problematizam a impossibilidade de se chegar a um real conhecimento da verdade histórica, pela existência de diversos pontos de vista a respeito de qualquer fato – e isso é importante na sua obra, na medida em que questiona a permanência da perspectiva da classe dominante.

Assim, importa aqui o modo como Assis Brasil desconstrói a historiografia oficial, acrescentando sentimentos de personagens que são ignoradas pelas crônicas factuais, ou seja, daqueles seres comuns que se deparam com os acontecimentos sem nem mesmo saber por quê, alheios à sua função nos (des)caminhos da história. Através de uma escritura que se utiliza, como cenário, de aspectos conhecidos da história do Rio Grande do Sul, os romances apresentam versões outras das que atestam os livros de História, que se pretendem objetivos. Na obra de Assis Brasil não há heróis, não há personagens míticas; há, apenas, seres de carne e osso, movidos pelos seus próprios interesses.

Esse aspecto se encontra na quase totalidade de sua obra. Desde os já citados *Um quarto de légua em quadro* (1976), *A prole do corvo* (1978), *Bacia das almas* (1981) e *Cães da Província* (1987), até *Breviário das terras do Brasil*, publicado primeiramente no jornal *Diário do Sul*, em 1988, como folhetim, e lançado em livro em 1997, passando por romances como *Manhã transfigurada* (1982), *As virtudes da casa* (1985), *Videiras de cristal* (1990), *Perversas famílias* (1992), *Pedra da memória* (1993) e *Concerto Campestre* (1997). A exceção talvez seja a novela *O homem amoroso* (1986), em que não há preocupação com a temática histórica.

É importante ressaltar que esse procedimento de reelaboração da história é levado adiante por narradores ficcionais que, por isso, não carregam a obrigação do compromisso com uma verdade objetiva. Não se pode esquecer que os romances mencionados, apesar de se utilizarem de dados reais, fazem parte de um discurso ficcional, que é, por natureza, subjetivo. Como não têm obrigações com a verdade, os narradores ficam livres para especular e emitir opiniões, o que não é lícito para a historiografia tradicional, cujo narrador precisa esforçar-se para fingir uma neutralidade inexistente.

Tendo em vista esses aspectos introdutórios, mas relevantes, a uma abordagem das obras de Luiz Antonio de Assis Brasil, é preciso partir do estudo de teóricos que se ocuparam do entrecruzamento da ficção com a história, assunto que tem merecido a atenção de muitos estudiosos.

O pensador grego Aristóteles<sup>1</sup> afirmou que a história tem um compromisso com a verdade, enquanto que a literatura tem um compromisso com o verossímil, isto é, com o fato de parecer verdadeira. Nos dias de hoje, esses limites já não são tão nítidos. Isso faz com que Roland Barthes<sup>2</sup>, por exemplo, questione se, efetivamente, a narração dos acontecimentos passados difere das narrações imaginárias, tais como a epopéia, o romance e o drama; observa que o fato histórico só adquire existência dentro do discurso, embora tudo se passe como se essa existência não fosse senão a cópia pura e simples de uma outra existência, situada num campo extra-estrutural: o real. Por fim, sustenta que o discurso histórico não segue o real, mas apenas o significa.

Abordando, também, a problemática dos discursos, Linda Hutcheon<sup>3</sup> entende que, na arte pós-moderna, a separação entre o literário e o histórico é contestada. Considera que ambos obtêm suas forças a partir da verossi-

<sup>1</sup> ARISTÓTELES, *Poética*. Lisboa : Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

<sup>2</sup> BARTHES, Roland. O discurso da história. In : *O rumor da língua*. Lisboa : Edições 70, 1987. p. 121 - 130.

<sup>3</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro : Imago, 1991.

milhança e que são construtos lingüísticos, convencionalizados em suas formas narrativas. Os romances de hoje mostram que só existem verdades no plural, jamais uma só verdade, e que raramente existe a falsidade por si; o que há são as verdades alheias. Reescrever ou reapresentar o passado na ficção e na história significa revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico. Tanto a ficção como a história são sistemas culturais de signos, construções mentais cuja ideologia inclui sua aparência de autônomas e auto-suficientes. O que as distingue é a especificidade estrutural de cada uma. Estruturas essas que a metaficção historiográfica começa por estabelecer e depois contraria.

Assim, a metaficção historiográfica adota uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento das diferenças. Certos detalhes históricos conhecidos são deliberadamente falsificados, para ressaltar as possíveis falhas mnemônicas da história registrada e o constante potencial para o erro proposital ou inadvertido. Dessa forma, a metaficção historiográfica não reconhece o paradoxo da realidade do passado, mas sua acessibilidade textualizada atualmente. Além disso, questiona a possibilidade de se conhecer o tempo já decorrido.

Hutcheon aborda, enfim, a intertextualidade pós-moderna, que seria a manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor, a partir de uma reescritura daquele dentro de um novo contexto, visto que só se conhece o passado por meio de seus registros textualizados. Assim, a metaficção historiográfica demonstra que a ficção é historicamente condicionada e que a história é discursivamente estruturada.

Esse tipo de discurso leva Walter Benjamin<sup>4</sup> a elaborar uma visão pessimista da própria história. O filósofo alemão afirma que o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido. Conforme Benjamin, a história é uma sucessão de barbáries, causadas pela busca incessante do progresso. Um historiador consciente renunciaria ao estabelecimento de nexos causais entre os vários momentos da história, pois saberia que os acontecimentos só se transformam em fatos históricos postumamente, graças a outros acontecimentos.

Peter Burke<sup>5</sup>, por sua vez, afirma que os historiadores devem buscar uma nova forma historiográfica, inspirando-se nos escritores modernos.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In : *Magia e técnica, arte e política*. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1993. p. 222-232.

<sup>5</sup> BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In : BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo : Editora Unesp, 1992. p. 329-348.

Assim, sugere que usem o modelo dos romancistas que narram os acontecimentos a partir de vários pontos de vista, ou que encontrem um modo de aparecer na narrativa, deixando notar que sua história representa apenas uma visão dos fatos, ou ainda que utilizem as possibilidades dos registros temporais, com narrativas em reverso ou alternadas para frente e para trás, entre os mundos público e privado.

Nessa mesma linha de raciocínio, Paul Veyne<sup>6</sup> observa que a história se interessa pela especificidade dos acontecimentos, que têm uma organização natural. Então, o esforço do trabalho histórico consiste em reencontrar essa organização. Segundo ele, a escolha de um assunto de história é livre, mas, dentro do assunto escolhido, os fatos e suas ligações não o são. Aqueles não existem isoladamente: o tecido da história é uma trama, de uma mistura humana de causas materiais, de fins e acasos, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa. A trama não se organiza, necessariamente, em uma seqüência cronológica. Enfim, o fato não é nada sem sua trama. Veyne afirma que o objeto de estudo do historiador nunca é a totalidade dos fenômenos observáveis, mas somente alguns aspectos escolhidos. Nesse sentido, o historiador elege o itinerário para descrever o campo factual. E todos são válidos (mesmo que não sejam interessantes). Isso quer dizer que nenhum desses caminhos é o verdadeiro, ou é *a* História.

Enfim, outro que contribuiu para esse debate das relações entre ficção e história foi Seymour Menton<sup>7</sup>. O autor sistematizou os romances históricos da América Latina, dividindo-os em narrativa histórica tradicional e nova narrativa histórica, localizando a origem dessa última nos anos 40 e definindo o ano de 1979 como aquele em que o seu número aumentou consideravelmente. Menton diferencia a nova narrativa histórica da tradicional por um conjunto de seis características inerentes à primeira. Esses traços característicos são: a subordinação, em graus distintos, da reprodução mimética de certo período histórico a algumas idéias filosóficas, tais como a impossibilidade de se conhecer a verdade histórica ou a realidade, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o seu caráter imprevisível, ou seja, que os acontecimentos mais inesperados podem ocorrer; a distorção consciente dos fatos, mediante omissões, exageros e anacronismos; a ficcionalização de personagens históricas; a metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação; a intertextualidade e o uso dos conceitos bakhtinianos de dialogia, carnavalização, paródia e polifonia. O autor, po-

<sup>6</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

<sup>7</sup> MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. Mexico: Fonte de Cultura Económica, 1993.

rém, adverte que não há necessidade de se encontrarem todas as características numa mesma obra.

Tendo em vista essa inter-relação de ficção e história, o modo como Luiz Antonio de Assis Brasil estruturou as suas narrativas, especialmente *Bacia das almas*, a fim de alcançar uma dimensão profunda dos motivos que impeliram o antigo povo sul-rio-grandense à realização de seus atos, é o objeto de análise deste trabalho. Assim, busca-se, através da decodificação dos elementos utilizados na construção das tramas, alcançar uma interpretação mais enriquecedora dos romances do autor gaúcho.

### ***Bacia das almas*: a história no caleidoscópio da ficção**

Para compreender *Bacia das almas* com maior profundidade, é preciso remontar aos dois romances anteriores, *Um quarto de légua em quadro* e *A prole do corvo*<sup>8</sup>, que marcam a estréia de Assis Brasil na literatura. Embora com estruturas independentes, uma trilogia se pode vislumbrar nesses primeiros romances, que revisitam o Rio Grande do Sul desde suas origens até o advento do Estado Novo.

*Um quarto de légua em quadro*, de 1976, apresenta o seguinte subtítulo: “Diário do doutor Gaspar de Fróis – médico”, e é antecedido por uma nota editorial fictícia, revelando que os escritos do doutor são formados por três cadernos, abrangendo um período que vai de janeiro de 1752 a junho de 1753. Cada caderno está subdividido em pequenos capítulos, referentes aos dias em que o médico escreve. No final do livro, encontra-se outra nota editorial, relatando os sucessos posteriores aos fixados no diário.

A história principia com uma viagem de navio dos Açores ao Brasil. Nesse navio, em que se encontram seiscentas pessoas, Gaspar de Fróis é o único médico e tem muito trabalho, já que muitas pessoas morrem, principalmente de mal-de-landa. Na viagem, o doutor conhece o fidalgo Pedro Luiz de Souza, recém-casado, que pretende começar uma nova vida, com a terra, as sementes e as ferramentas prometidas. O navio chega ao Desterro – atual Florianópolis –, mas fica-se sabendo que o lugar já está cheio e que aos açorianos está reservado um novo destino: o Rio Grande.

Nesse tempo, o doutor conhece o tenente Covas e a sua esposa, dona Maria das Graças, que lhe causa muito boa impressão. De fato, após alguns dias, ele se percebe enamorado dela. Chegados ao Rio Grande, descobrem que lá também há escassez de terras e mantimentos. O tenente

<sup>8</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Um quarto de légua em quadro*. 6. ed. Porto Alegre : Movimento, 1997. *A prole do corvo*. 5. ed. Porto Alegre : Movimento, 1991.

Covas parte, então, em uma missão de reconhecimento e, com isso, abre espaço para que sua esposa e o médico tenham uma noite de amor. Ao retornar da viagem, informa das condições de um lugar, propriedade do grande estancieiro Jerônimo de Ornelas. O general Gomes Freire de Andrada decide ir para lá com alguns casais açorianos e companhias de granadeiros para fazer demarcações. O doutor vai junto, pois Maria das Graças passou a desprezá-lo e ele precisa espairer.

Após sete meses fora, o médico retorna e percebe que a situação continua ruim. Descobre que Maria das Graças está grávida e que Covas é impotente há cinco anos, devido a um acontecimento traumático ocorrido em Portugal. Desconfia, com isso, que o filho é seu, mas esse nasce morto. O doutor, então, vai embora para o Porto do Dorneles, próximo a Viamão, e se torna uma pessoa desiludida, devido aos constantes sofrimentos que acompanha. O diário termina, tristemente, com alucinações do doutor.

O segundo romance de Assis Brasil, *A prole do corvo*, publicado em 1978, focaliza outro período importante da história do Rio Grande do Sul: a Revolução Farroupilha, particularmente, o seu último ano. O livro se divide em cinco capítulos, sendo que um deles, “Santa Flora”, apresenta-se em fragmentos, intercalados com os demais. Santa Flora é a estância, próxima à vila de Aguacalara, onde mora o coronel Chicão Henriques de Paiva e sua esposa, dona Clarinda, com os filhos Laurita, Bento e José.

José, mais conhecido como Filhinho, é um jovem de vinte anos obrigado por seu pai e seu cunhado a ir para a guerra e lutar ao lado dos maragatos. O pai deseja que ele vá, para não ter que ceder seus cavalos às tropas de Bento Gonçalves; já o cunhado, Diogo Ferraz, quer se ver livre de Filhinho, porque esse surpreendeu Diogo, certa noite, tratando mal a esposa (sua irmã) e o agrediu.

No acampamento dos republicanos, Filhinho conhece Cássio, que se torna seu amigo. Na primeira batalha de que participa, acaba matando um homem, o que o atormenta bastante. Nos dias que se seguem, Filhinho vai-se integrando às atividades militares. Participa de festas, treinamentos e saques, um dos quais acaba em assassinato e estupro. Nos últimos dias de guerra, os soldados republicanos recebem ordem de atacar Aguacalara. No meio do ataque, chega o acordo de paz. Todos, então, confraternizam. Filhinho volta para casa e é recebido por Laurita e Bento.

Os descendentes de Filhinho Henriques de Paiva serão as personagens principais, e a vila de Aguacalara, convertida em município, bem como a estância de Santa Flora serão o cenário do terceiro romance de Assis Brasil, *Bacia das almas*, de 1981, que mantém a mesma linha de preocupação com o passado sul-rio-grandense. O enredo tem como cenário histórico as três primeiras déca-

das do século XX, estendendo-se até o advento do Estado Novo. A narrativa é permeada de prolepses e analepses, ou seja, avanços e recuos temporais, que dificultam o acompanhamento cronológico das ações. Estes são os sucessos contados na obra: o coronel Trajano Henriques de Paiva, filho de José Henriques de Paiva, o Filhinho, e Donana, é o maior estancieiro nos arredores de Aguaclara. Suas terras vão-se expandindo à medida que engana os vizinhos e lhes toma as propriedades. O coronel é casado com dona Santinha, mas não dispensa a companhia de outras mulheres, como Cheta, que mora nas suas terras, e Carmem, a dona da boate Xangri-lá.

Trajano tem cinco filhos, Márcia, Luís, Gonçalo, Laura e Sérgio, que terão suas vidas marcadas pela personalidade forte do pai. Márcia é criada à semelhança da avó, acabando reprimida e conservadora; Luís se casa contra a vontade do pai, tornando-se impotente; Gonçalo gostava de literatura; frustrado com a incompreensão paterna, segue então idéias políticas opostas às de Trajano; Laura, por sua vez, é impedida de namorar, é estuprada pelo próprio pai e sufoca o seu amor; Sérgio, finalmente, descobre-se homossexual, provocando a ira do coronel.

Como se não bastasse a maléfica influência sobre os filhos, Trajano interfere na vida de todos em Aguaclara, torna-se intendente e faz tudo girar em torno de si. Através de pressões e falsas promessas, alcança o comando da Maçonaria na cidade. Com sua morte, os habitantes de Aguaclara vão, paulatinamente, tomando consciência da sua condição de marionetes. Por fim, após o medo inicial de que o fantasma de Trajano os assombre, reorganizam-se com sua morte e decidem recomeçar vida nova.

### **A estrutura teatral da narrativa**

A maneira como está estruturado o romance de Assis Brasil contribui para a construção dos sentidos da história. Dividido em duas grandes partes (“Descaminhos” e “Teatro mágico”), subdivididas, por sua vez, em trinta e três pequenos capítulos não-numerados cada uma, *Bacia das almas* apresenta, com suas marcações teatrais, uma estrutura semelhante à da dramaturgia. Por exemplo, quando a personagem Gonçalo surge na narrativa, o capítulo que o introduz traz os seguintes dizeres: “Rio de Janeiro. Numa pensão barata, alguém espia pelas venezianas. É noite.”<sup>9</sup> Dessa forma, o leitor já tem uma idéia da ambientação do capítulo.

<sup>9</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Bacia das Almas*. 4. ed.. Porto Alegre : Movimento, 1994. As próximas citações do romance serão seguidas apenas do número da página da edição utilizada.

A intertextualidade com o teatro, porém, não se esgota nessas marcações. O próprio título da segunda parte, “Teatro mágico”, já deixa perceber essa relação. Além disso, no início de cada parte, há epígrafes, retiradas da obra do dramaturgo português Gil Vicente, que indicam os rumos que a narrativa tomará. Assim, a primeira delas, dita pela personagem Satanás, em *Auto da barca do purgatório*, “Cada um pella o vilão per seu geito.”, já remete aos ajustes de contas que cada personagem do romance precisa ter com Trajano.

A segunda epígrafe, dita pela personagem Lucifer, em *Auto da História de Deus*, “...que a fúria não ganha; mas doces palavras e dissimular faz toda a façanha.”, revela, talvez, as atitudes de Lina, Renato Diniz e Guedes, já que todos foram prejudicados por Trajano, mas aguardaram o momento certo para saborear a vingança. Lina, que tinha a oposição do sogro no casamento, termina tomando o tão desejado leite de apoio de Santa Flora, sentindo-se dona da estância. Renato Diniz, que fora impedido de namorar Laura, torna-se rico por fazer o inventário dos bens de Trajano, e, ainda, delicia-se com uma noite de amor com Laura, sentindo que ela e Santa Flora são as mesmas e que, por isso, ele possui a ambas. Já o farmacêutico Guedes consegue, dissimuladamente, que toda a população de Aguaclara fique sabendo de um caso vergonhoso em que foi vítima de Trajano.

Referências ao teatro também podem ser encontradas no interior da narrativa. Renato, passeando nas ruas de Aguaclara, comenta:

As pessoas movem-se num palco. Assistimos à entrada e saída dos mesmos atores, uns principais, outros coadjuvantes, outros meros extras sem talento. Mas há gente ainda pior: os maquinistas, os varredores, os bilheteiros, aqueles que não sobem à ribalta. Esses nem existem, acostumaram-se à sua cênica inserviência. Agora estão muito quietos, movimentam-se nas pontas dos pés, pois o dono do teatro está morrendo. (p. 34)

Quem demonstra, entretanto, uma incrível consciência do poder do teatro é Sérgio: “ – Desde esse dia descobri que o teatro era uma arma poderosa, pois chegou a enfurecer o Trajano.” (p. 195). Sérgio, que cultivava um grande ódio ao pai, organiza peças teatrais com personagens de papelão. Nessas peças, há um homem muito mau, o rei “Traganus”, combatido pelos cinco “Vingadores”, numa representação da própria vida dele e de seus irmãos:

Traganus é feroz e vingativo, o mais perverso e desumano ser que já passou pela face da terra. Os cortesãos amontoam-se em cadáveres mutilados, banhados em sangue. (...) Sua vitória é completa. (...) É acordado por gritos ensurdecedores de cinco cavaleiros que vêm esvoaçando pela sala (...) – Os Vingadores que chegam, com a Justiça e o Bem a seu lado! Traganus tenta oferecer dinheiro aos cavaleiros para que o deixem, mas estes não lhe dão ouvido, e todos que estão à mesa assistem fascinados ao fim do trágico rei... (p. 307)

Como uma vingança contra a influência de Trajano nos descaminhos de cada filho, Sérgio realiza, numa espécie de “teatro mágico”, o que sempre teve vontade de fazer contra seu pai.

### **A história impressa nas personagens**

A literatura está sempre, em maior ou menor grau, atrelada ao contexto em que é produzida. Mesmo uma obra intimista revela uma certa visão de mundo que é típica do contexto histórico e social do autor. Junta-se a isso a obrigação da verossimilhança, que impõe um compromisso com a realidade. Há obras, no entanto, que buscam, justamente, reproduzir características de determinada região ou época, iluminando aspectos que se consideram importantes. Há, ainda, aquelas obras que, mais do que reproduzir, tentam reconstruir uma época, privilegiando a vida de seres comuns, inseridos numa pequena comunidade, para entender a mentalidade de toda uma geração.

*Bacia das almas* se encaixa nesse último tipo. Mais do que um simples romance histórico – que, geralmente, é apenas uma reprodução de determinado período – trata-se de uma narrativa que busca voltar ao passado para elucidá-lo e entender por que, na historiografia oficial, privilegiaram-se alguns fatos, em detrimento de outros. Ora, é claro que essa intenção do autor não está explícita, todavia uma leitura atenta e uma análise aprofundada revelam tal proposta.

Devido à especificidade do fazer literário, as tendências de uma época não podem ser todas expostas em sua amplitude. Assim, a riqueza ideológica, política, social e cultural de diferentes parcelas da população são, na literatura, agregadas a uma personagem, que representa essa parcela. No romance de Assis Brasil, duas são as personagens mais representativas do pensamento político da época: o coronel Trajano e seu filho Gonçalo.

## Coronel Trajano Henriques de Paiva

O coronel Trajano é a personificação do poder oligárquico do início do século XX no Brasil. Dono de grandes extensões de terra (cujo centro é a estância de Santa Flora), de um haras, de uma casa em Aguacalara e de ações do Banco do Brasil, além de muito dinheiro, o coronel é o representante, na obra, da elite agrária que apoiava o Partido Republicano Rio-grandense.

Trajano tem uma personalidade peculiar. Acredita que não morrerá nunca:

Passou, naturalmente, por muitos períodos vitais, e seus traços fisionômicos acompanharam os anos que se sucediam. Isso nunca abalou a sua íntima convicção de que seria eterno, tanto que aceitava o envelhecimento como a fixação definitiva de uma cara com a qual atravessaria os séculos. (p. 40-41)

Alto e corpulento, à medida que envelhece, Trajano busca assemelhar-se aos grandes líderes do PRR. Primeiramente, com Júlio de Castilhos: “Quando se apaixonou pelo positivismo, cortou o cabelo rente, tal como fazia o Júlio de Castilhos, Presidente do Estado, julgando assim agradar aos potentados da hora passageira. Após a morte de Júlio de Castilhos voltou a ter cabelo grande...” (p. 41). Mais tarde, com Borges de Medeiros:

Com o Borges de Medeiros no poder, fez tudo por encurvar-se, tentando omitir sua grande figura, pois o Chimango era minúsculo como um filho de sagüi. Originou-se desse fato o costume de andar meio encurvado, o que, com o passar do tempo, transformou-se numa leve caída no ombro direito, coisa que manteve até o fim. (p. 41)

Assim, a ficção restitui os retratos dos líderes. No último trecho, a caída do ombro direito já sugere as propensões políticas do coronel, que pautará a sua vida por ligações com os donos do poder. Na verdade, todo ele está “caído para a direita”. Tanto que, na última fase da vida, Trajano passa a usar bombacha, botas e lenço branco no pescoço, “para bem marcar sua fidelidade ao governo” (p. 42).

Essas características do coronel, fixadas por Assis Brasil, encontram respaldo nos livros de história. Julio Quevedo e José C. Tamanquevis comentam o surgimento do Partido Republicano Rio-grandense:

Em 1882, os republicanos gaúchos efetivaram a sua primeira reunião-convenção, de onde nasce o PRR (Partido Republicano Riograndense [sic]). O grupo era formado por jovens estudantes (...) os mais expressivos eram: Joaquim Francisco de Assis Brasil, Júlio de Castilhos, José Gomes Pinheiro Machado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, Fernando Abott. (...) a característica que vai marcar o PRR é o seu espírito idealizado pelo positivismo conteano [sic], tal ideologia será a linha mestra de toda a ação durante o período no poder<sup>10</sup>.

O positivismo pregava que o conhecimento verdadeiro só poderia advir da ciência, e que as idéias e ações deveriam passar sob o crivo da razão. Não faltam, na narrativa, manifestações admiradas de Trajano com relação a Augusto Comte, o fundador do positivismo, atestando a influência do pensamento francês na ideologia republicana da época: “ – Ora, Comte, o que tu entende de Comte? Eu, sim, entendo, que tenho uma prateleira cheia de livros dele, todos encadernados em couro vermelho com os títulos gravados a ouro, todos escritos em francês...” (p. 20). Quando chega, da França, um livro positivista que encomendou, trazendo como brinde um ramo do túmulo de Augusto Comte, Trajano se impacienta com a indiferença dos companheiros:

Trajano ergueu-se impaciente, “então não vê, infeliz, é um ramo do arbusto que nasce no túmulo do grande mestre da doutrina positiva, são poucos os que no mundo inteiro têm essa relíquia, é como se fosse um pedaço da cruz de Cristo para os cristãos, ou uma unha de Santo Antônio...” (p. 86)

Apesar do modo paródico com que Trajano se apropria das idéias positivistas, o intendente de Aguacalara vai criando para si uma imagem de homem a par das tendências filosóficas mais modernas, angariando a admiração dos cidadãos.

As citações históricas, entretanto, não param por aí. Alguns episódios recolhidos do real determinam a caracterização de certas personagens fictícias. É o caso das eleições de 1922 para Presidente do Estado e da conseqüente Revolução de 1923, devido à fraude daquelas. Naquele ano, o

---

<sup>10</sup> QUEVEDO, Julio e TAMANQUEVIS, José C. *Rio Grande do Sul – Aspectos da História*. 6. ed. Porto Alegre : Martins Livreiro Editor, 1999. p. 81.

Partido Republicano Rio-grandense indicou Borges de Medeiros pela quinta vez consecutiva para o governo do Estado; a oposição articulou-se em torno de Joaquim Francisco de Assis Brasil. Com a pressão e o jogo de interesses dos donos do poder, o resultado favoreceu Borges de Medeiros, mas a oposição contestou esse resultado e iniciou um movimento armado pelo interior. Quevedo e Tamanquevis assinalam esses fatos<sup>11</sup> e Luiz Antonio de Assis Brasil faz uso deles na sua narrativa. Em Aguaclara, também há muitos votantes para o candidato da oposição:

Na ponte vinha Zózimo Canuto capitaneando seus correigionários, uns cinquenta; estacaram ao avistar Trajano, de revólver na mão, berrando: “se são homens de verdade que cruzem a ponte, hoje aqui ninguém vai votar, e se votarem não dou garantia de vida, nem pra vocês, nem pras famílias.” (p. 166)

Mesmo com as ameaças, o desejo de mudança era maior: “mas Coronel, a gente vota em quem quiser, esse negócio de querer que se vote no Chimango não vai adiantar (...) não, Coronel Trajano, com todo respeito, nós vamos votar no Assis, nem que seja a última coisa que se faz na vida.” (p. 166-167). Cabe esclarecer aqui que Chimango era o apelido pelo qual ficou conhecido Borges de Medeiros.

É claro que o coronel Trajano não iria permitir que na *sua* cidade o resultado fosse favorável ao candidato da oposição. Na hora da contagem dos votos, deixa isso manifesto ao juiz e aos fiscais dos dois partidos: “A apuração pode ser feita com a maior segurança, pois providenciei guarda em cada porta e com isso todas as entradas estão completamente fechadas até que se publique o resultado final que, como disse, certamente dará a vitória ao candidato...” (p. 169).

A contagem dos votos, como era esperado, dá a vitória a Assis Brasil, para desespero do juiz e dos fiscais: “A apuração nem teve graça, era voto e mais voto pro Assis, tudo encordado (...) No final, quando se fez a lista, viu-se que os maragatos ganhavam por mais de duzentos votos, foi uma lavagem em regra.” (p. 172). Com medo de Trajano, resolvem modificar a ata em que estava o resultado. Dessa forma, Borges de Medeiros vence as eleições em Aguaclara. A fraude acontece em todo o Estado, o que provoca a ira dos maragatos e os faz organizarem movimentos armado:

<sup>11</sup> QUEVEDO, Julio e TAMANQUEVIS, J. C. *Op. cit.* p. 92.

“Assis Brasil não aceita o resultado e organiza tropas que iniciaram um movimento armado pelo interior, conhecido como revolução de 1923...”<sup>12</sup>

Nessa revolução, os maragatos (designativo dos correligionários de Assis Brasil) levaram a pior, uma vez que o aparato militar dos chimangos (correligionários de Borges de Medeiros) já estava consolidado<sup>13</sup>. A luta entre os dois partidos chega até Aguaclara, quando as tropas revolucionárias cercam a Intendência, mas são afugentadas com a ajuda de uma brigada legalista.

Como personagem emblemática de toda uma classe, acostumada a falcatruas, Trajano representa, ainda, a situação dos grandes criadores de gado frente à iminência da revolução de 1930. No princípio, o coronel confia ao anão Ribas que não sabe de que lado deve ficar: “...vai-se dando uma revolução e não sei qual o lado mais forte, quem tu acha que vai ganhar?” (p. 142). O chefe maragato em Aguaclara também não sabe: “...se arma um rebuliço feio, querem depor o Washington Luiz e parece que o chefe é o Getúlio, e logo a gente vai ter que tomar partido.” (p. 143). Na indecisão, pendem para o lado que parece mais lucrativo: “Pois vamos na rabeira do bicho, que a gente vai pro poleiro junto com ele...” (p. 144). O discurso histórico atesta a verossimilhança da narrativa ficcional de Assis Brasil. Luiz Roberto Lopez comenta: “Os setores que fizeram a Revolução de 30 se destacam com bastante nitidez, assim como suas divisões quanto aos objetivos e finalidades do movimento vitorioso. Os velhos oligarcas que participaram da revolução esperavam simplesmente obter o poder.”<sup>14</sup>

Assim, percebe-se uma parcela do caráter de Trajano, que não apresenta tanta convicção nos ideais que prega, mas procura, isso sim, tirar proveito das situações, para permanecer no poder e aumentar seus lucros. Essa sua falta de caráter fica evidente em toda a narrativa. Trajano perpetua os mais diversos crimes. Além de coerção, corrupção e roubo, manda assassinar adversários políticos e, até, um seu peão que ousou dormir com Carmem, a sua prostituta preferida. O crime mais horrendo, porém, é o estupro da própria filha, Laura, que ele sempre desejava.

Não é à toa que as atrocidades cometidas por Trajano abundam no livro. Objetivando desmitificar o passado gaúcho, Assis Brasil busca iluminar aspectos da história que sempre permaneceram obscuros. Sua obra revela, assim, as barbáries que ficaram esquecidas em meio aos grandes

<sup>12</sup> QUEVEDO, J. e TAMANQUEVIS, J. C. *Op. cit.* p. 92.

<sup>13</sup> *Ibidem.*

<sup>14</sup> LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil Contemporâneo*. 7. ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1994, p. 63.

feitos cristalizados pela historiografia oficial. É justamente a isso que se refere Walter Benjamin<sup>15</sup> quando fala que o anjo da história, impelido para o presente, olha com espanto para o passado.

No romance, há uma passagem que se apresenta justamente como metáfora dessa obscuridade. Quando Borges de Medeiros marca uma visita a Aguaclara, Trajano manda prender todos os mendigos, consumir com todos os cachorros e derrubar todos os casebres, para estampar a imagem de uma cidade sem mazelas. Quando o Presidente do Estado chega, elogia o coronel, dizendo que a cidade está muito bem administrada. Assim também a antiga historiografia: não viu o que havia “por baixo dos panos”.

O coronel Trajano está consciente disso. Sabe que seus crimes não entrarão para a história e que não deve se preocupar com eles: “escrúpulo é uma grave fraqueza, principalmente em estancieiro, mesmo porque se a gente vai mais longe, volta pra trás, tem muita história que era melhor ficar escondida na poeira dos anos.” (p. 259). Assis Brasil, com a sua produção, demonstra que já está na hora de revelar o que permanece escondido.

A única pessoa que apóia sempre o coronel e não se revolta contra ele é Márcia, a filha mais velha. Criada à imagem da avó, torna-se a preferida de Trajano, que lhe dá vários presentes. Assim, toma, de certa forma, o lugar do pai, quando esse falece. A maneira como é criada, não permite que se interesse por sexo, permanecendo intocada mesmo depois do casamento arranjado com Argemiro. No final do livro, assume de vez a identidade com a avó e com a estância de Santa Flora, trancando-se nela e morrendo no incêndio que a consome.

Os seus irmãos, contudo, são todos opostos a Trajano. Luís, que é enviado a Paris para estudar Medicina, apaixona-se por Lina, uma descendente de italianos, filha de um velho contrabandista. O coronel, evidentemente, opõe-se a essa união, dizendo ao filho, inclusive, que “homem que se casa com gringa vira broxa...” (p. 250). Na noite de núpcias, Trajano e alguns peões invadem o quarto de Luís, que acaba se tornando impotente, quando está dentro da área de abrangência da autoridade paterna, precisando, para amar, ir a Porto Alegre.

Laura, por sua vez, é impedida de namorar Renato Diniz, sendo mandada para um internato. Renato vai atrás dela, fazendo com que seja expulsada. Na volta a Aguaclara, Trajano a espera na estação e a leva para a casa na cidade. Tranca-a lá, com o intuito de estuprá-la à noite. Após a violência,

<sup>15</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In : *Op. cit.* p. 226.

chama o doutor Ganimedes para costurar o seu hímen e dar um atestado de desvirginamento acidental.

Já Sérgio leva uma grande surra, pois é pego de amores com um outro rapaz. Considerando uma grande desgraça ter um filho homossexual, Trajano o coloca para gerenciar a boate Xangri-lá, pois, segundo ele, não haveria perigo de se engraçar com as mulheres de lá.

O outro filho é Gonçalo. Esse acaba se constituindo na oposição mais evidente ao pai, já que suas idéias vão em direções opostas.

### **Gonçalo Henriques de Paiva**

Quando jovem, Gonçalo cultivava o gosto pela literatura. Inclusive, produz alguns poemas. No entanto, a amizade, em Porto Alegre, com um colega seu, Isaac Brilman, fá-lo desistir da arte literária. Esse seu amigo, um judeu, é perito em matemática, disciplina com a qual Gonçalo não possui muita familiaridade. Dessa forma, Gonçalo se considera superior a Isaac, já que, sob o seu ponto de vista, a literatura tem muito mais valor que a matemática. Certo dia, porém, Isaac mostra ao amigo alguns poemas seus. Como Gonçalo não consegue que os próprios poemas sejam publicados, envia, com a sua assinatura, uma produção de Isaac. O poema é publicado, ocasionando, naturalmente, a desavença entre os dois amigos. Ciente de sua inferioridade, o filho de Trajano passa a odiar Isaac.

Alguns dias depois, Gonçalo recebe, na rua, um folheto de propaganda das idéias da Ação Integralista Brasileira. Lendo-o, descobre que os membros da Ação odeiam, entre outros, os judeus. A partir daí, resolve filiar-se, tornando-se um fanático e alimentando idéias diferentes das de seu pai. Mais uma vez, o discurso histórico auxilia a ficção, propiciando o contexto necessário para o desenrolar da narrativa.

Gonçalo convive com os integralistas de Porto Alegre e, entre imigrantes alemães e italianos, conhece as origens do movimento: “*Herr* Paiva, se a juventude (dizia iuventu) de nosso país não fizer o que estamos fazendo na Alemanha e na Itália, não sei não o que será do Brasil (...)” (p. 61). Essas origens são confirmadas pela historiografia. Luiz Roberto Lopez explica:

A Ação Integralista Brasileira foi típica expressão nacional do modelo fascista europeu dominante na época. Surgiu em 1932, tendo por chefe Plínio Salgado. Propôs desde logo um culto carismático ao líder e lançou mão de uma

retórica agressiva, visando defender um nacionalismo ingênuo e um anticomunismo primário. Desejava um governo forte e, claro, conservador.<sup>16</sup>

O discurso integralista também está expresso em *Bacia das almas*: “Rumo ao Estado Integral, o Estado do futuro, o futuro grandioso do Brasil!” (p. 60). E, mais adiante: “o sigma (...) é o símbolo de nossa luta contra o sindicalismo coletivista do bolchevismo, contra o judeu internacional, contra a maçonaria comunista, contra os inimigos do Brasil.” (p. 63). Gonçalves demonstra ter assimilado esse discurso:

Esse é o problema; o mundo está cheio de pessoas que dizem que todos devem ser livres; e todo mundo, porque se julga livre, acha que pode fazer o que bem entende. Daí o monstro do capitalismo, da sociedade pluralista, do judeu internacional, das sociedades secretas, do comunismo ateu. (p. 204)

Como não tem o dinheiro que sempre lhe pedem como contribuição à causa, Gonçalves vai para o Rio de Janeiro. Lá participa do plano da Ação Integralista Brasileira de tomar o Palácio da Guanabara, “plano que até então vinha sendo arquitetado: a tomada do Palácio da Guanabara, a prisão do Getúlio e a instalação do Estado Integralista no Brasil.” (p. 155).

O plano, entretanto, fracassa, e Gonçalves é obrigado a voltar para Santa Flora. Traz consigo vestimentas militares e um retrato de Plínio Salgado, com o qual se compara:

Gonçalves compara-se, agora que se penteou melhor. As orelhas de abano Gonçalves não tem, nem aquele bigodinho ridículo debaixo de um nariz longo de sensualidade, nem o queixo sumido quase se emendando no pescoço, nem os cabelos fazendo uma pirâmide no pináculo da cabeça. (p. 237)

Pretende fundar uma decúria pessoal com os peões da estância. É óbvio que sua intenção é malograda. Os peões, revoltados contra os antigos desmandos de Trajano e com os atuais desmandos do filho, amotinam-se e incendiam a fazenda, não sem antes matar Gonçalves.

---

<sup>16</sup> LOPEZ, Luiz Roberto. *Op. cit.* p. 86.

Dessa forma, fica patente o fracasso dos filhos de Trajano, que não conseguem, inclusive, deixar nenhum herdeiro para perpetuar os Henriques de Paiva.

### **O romance de Assis Brasil e a nova narrativa histórica**

A obra de Assis Brasil pode ser vista como um tipo de narrativa que, segundo Seymour Menton, proliferou na América Latina a partir de 1979. Não apenas pelo fato de o autor gaúcho abordar ações situadas num passado histórico não vivenciado por ele, mas, também, por apresentar alguns traços característicos da nova narrativa histórica, teorizados por Menton.

Dentre esses traços, destacam-se, em *Bacia das almas*, a ficcionalização de personagens históricas e os conceitos bakhtinianos de carnavalização e polifonia.

#### *A ficcionalização de personagens históricas*

Uma das personalidades mais conhecidas da história do Rio Grande do Sul é Borges de Medeiros, homem que esteve por cinco vezes frente à presidência do Estado. No romance de Assis Brasil, ele aparece como uma personagem importante no desenrolar dos fatos, já que faz uma visita à fictícia cidade de Aguaclara:

Quando o Chimango meteu o nariz pela janela do vagão, estouraram salvas de artilharia e a banda redobrou. Os chapéus voaram (...) Chimango nem sorriu, nem disse nada; enfiou o chapéu Gelot e desceu o degrau do vagão com ar de dono, o passo melífluo, olhar por cima do ombro. (p. 160)

Faz um discurso na noite em que chega:

Borges levantou-se então, e pediu o seu discurso ao secretário: tirou os óculos de dentro de um estojo de couro e, limpando-os com um lenço de cambraia, olhou sinistramente os convidados. (...) Borges ajeitou os óculos no nariz, passou as hastes por volta das orelhas e começou falando com sua voz pequena o quanto lhe agradava estar em Aguaclara. (p. 161)

E, no dia seguinte, age como um homem comum: “Às cinco da manhã o Borges pediu chimarrão (...) Olhou a praça que amanhecia, perguntou-me se era sempre assim quieto, em Aguaclara; senti que o velho queria mas era assunto (...) Chimango ouvia-me com atenção, indagava detalhes.” (p. 162).

Assim, a ficção traz os “grandes heróis” da história do Estado para uma posição mais humana, caracterizando-os como seres comuns que, apenas, comandam os atos, mas não o fazem sozinhos. Modifica a visão que temos dos grandes políticos como homens ilibados, que não colocam interesses pessoais na vida pública. É justamente essa visão que as novas narrativas históricas tentam destruir, advertindo que tudo é produto de seres humanos, e como tal, sujeito a erros.

### *A carnavalização literária*

Para o desmantelamento dessa visão, Assis Brasil utiliza, também, uma linguagem que, às vezes, faz uso do rebaixamento para apontar o ridículo de determinadas situações. Trata-se do procedimento teorizado por Mikhail Bakhtin, que lhe deu o nome de carnavalização literária.

A carnavalização se caracteriza como a aplicação, na literatura, de situações propiciadas pelo carnaval, ou seja, a aproximação de opostos, a liberação da censura e a explosão do riso. Como explica Bakhtin, “O carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas (...) Essa linguagem exprime de maneira diversificada (...) uma cosmovisão carnavalesca una (porém complexa), que lhe penetra todas as formas”.<sup>17</sup>

Em *Bacia das almas*, a carnavalização está presente, por exemplo, no episódio do problema urológico de Trajano, que, desesperado, procura a ajuda do farmacêutico Guedes. Esse lhe indica massagens no ânus com permanganato de potássio. Após muito relutar, o coronel acaba aceitando e, com o tempo, gostando das massagens ao ponto de, mesmo curado, insistir com Guedes para que continue o tratamento. Guedes, contrariado, é obrigado a concordar. No entanto, após a morte de Trajano, encarrega-se de encomendar um monumento ao falecido, já pensando em vingança. De fato, quando o povo de Aguaclara se reúne na praça para a inauguração da estátua, vê um enorme dedo, em que se lêem as seguintes palavras: “Ao permanganato de potássio, e ao dedo do Guedes, oferece o Trajano, agradecido.” (p. 311).

<sup>17</sup> BARHTIN, Mikhail. *Problemas de poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.

Nesse episódio, há também uma crítica à maçonaria, já que o coronel era o Venerável Mestre da Loja maçônica de Aguaclara. A crítica, todavia, não pára por aí. A Loja está situada sobre a boate Xangri-lá, lugar onde estão as prostitutas. Dessa forma, a sociedade secreta que exerceu grande influência na história do Rio Grande do Sul e que é tida como baluarte dos valores morais tem suas bases, alegoricamente, fundadas no lugar em que os desejos mais primitivos do ser humano são atendidos.

Uma outra característica da carnavalização é a explosão do riso como liberador das repressões e restrições. Como no trecho em que Fausto e o barbeiro Polaco colocam o retrato de Trajano sobre uma cadeira na calçada. Instintivamente, as pessoas que vêem aquele retrato se põem a rir, numa atitude inconsciente de felicidade pelo fato de o ex-intendente estar morto.

Por fim, pode-se entender, ainda, como partícipes de um mundo carnavalizado, Sérgio e os travestis Rosario Brillante e Pachito Gómez, além de Fausto, que também utiliza uma fantasia. Essas personagens, especialmente as três primeiras, aparentam estar em constante estado de carnaval, bebendo, cantando, dançando e rindo perante a morte de Trajano.

Percebe-se, assim, que o romance de Luiz Antonio de Assis Brasil ajusta-se à definição de nova narrativa histórica, estudada por Seymour Menton.

### *“Efeitos de real” e metaficção historiográfica*

Conforme foi salientado, no decorrer da narrativa, encontram-se várias referências à época em que transcorre a ação. Tais referências manifestam-se das mais diferentes formas e favorecem a ambientação e reconstituição histórica. O retrato de Plínio Salgado nas mãos de Gonçalo, por exemplo, serve não só à presentificação da figura polêmica do líder fascista, mas também para reforçar, na ficção, o que Roland Barthes chama de “efeito de real”:

a análise (...) tem fatalmente de encontrar notações que nenhuma função (mesmo a mais indirecta) permite justificar: estas notações são escandalosas (do ponto de vista da estrutura), ou, o que é ainda mais inquietante, parecem destinadas a uma espécie de *luxo* da narração, pródiga a ponto de fornecer pormenores “inúteis” e de elevar assim, aqui e ali, o custo da informação narrativa.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> BARTHES, Roland. O efeito de real. In : *O rumor da língua*. Lisboa : Edições 70, 1987. p. 131.

Esses pormenores auxiliam o autor a imprimir verossimilhança ao relato, revelando, inclusive, nuances do cotidiano das personagens. Ora, o produto dessa preocupação do autor funciona como um valioso instrumental na compreensão da riqueza e complexidade dos caracteres por trás das ações.

É nesse sentido que, em *Bacia das almas*, as músicas cantadas ou ouvidas pelas personagens contribuem para tornar mais verossímil o contexto histórico revivido. É o caso de *Lili Marlene*, que se tornou uma espécie de hino dos soldados nazistas. Essa música é ouvida pelos imigrantes alemães, seguidores de Plínio Salgado. Também Gonçalo, impregnado dos ideais integralistas – ideais devedores do fascismo e do nazismo – surpreende-se, em determinado momento, “assobiando *Lili Marlene*” (p. 60).

Outras músicas que aparecem na narrativa (*Valentine, Valentine; Granada; Cronina; Olhos negros* e *La donna è mobile*) são testemunhos da época. Além delas, diferentes objetos contribuem para o efeito de real: o jornal *Correio do povo* (p. 19, 27 e 125); documentários de cinema, produzidos pela Rádio Nacional (p. 26); a *Revista do Globo* (p. 59 e 127); o *Almanaque Biotônico Fontoura* (p. 110); além da menção a atores de rádio, populares na década, como Peri e Estelita (p. 45).

Dessa forma, além do entrecruzamento com a história conhecida, a ficção de Assis Brasil, através de detalhes aparentemente aleatórios, reconstitui a mentalidade de um período histórico.

Em certos momentos, as personagens demonstram uma certa consciência a respeito do que seja a história. Essa percepção, obviamente, baseia-se na suposição de que o que deve constar nos livros de história são os grandes atos, aqueles que influem no destino de uma grande parcela da população. É sob essa perspectiva que Gonçalo vê a sua participação na tomada do Palácio da Guanabara: “Havia também uma senha, que Gonçalo decorou e escreveu num papelzinho, com medo de esquecer. Foi para a pensão com o nítido sentimento de que figuraria na História” (p. 156).

Como julga que o plano dará certo, Gonçalo considera que esse grande acontecimento deve ser fixado para a posteridade. Numa posição oposta, mas apresentando a mesma visão, encontram-se Trajano e Ribas, cerca-dos na intendência pelas tropas maragatas, na revolução de 1923:

“Estou disposto” – repetiu Trajano – “a resistir até o último homem, não é o que disse o meu ilustre tocaio Trajano, nas Termópilas, quando se viu acuado por trezentos gregos?” – “perdoe, Coronel, não foi nas Termópilas, quero dizer, quem estava no desfiladeiro das Termópilas era outro, um grego.” – “Mas Trajano não era grego, afinal?” –

“Não sei, Coronel do meu coração, o fato é que estamos numa situação medonha e a História acho que não vai se importar de nós, tão pequenos aqui, no cu do mundo, em Aguacalara.” – “História não tem geografia, Ribas.” – “Bonita frase, Coronel, mas quem sabe não precisamos ser tão ilustres, afinal é uma guerrinha entre amigos, entre compadres, não carece tanto trabalho literário, isto é pra Napoleão ou César, que lutavam contra inimigos estrangeiros, e sempre havia quem estivesse por perto pra anotar os ditos.” (p. 285)

O que Assis Brasil busca desconstruir é, justamente, essa percepção de que somente os grandes feitos merecem figurar na História. Através da relativização dos conceitos do que seja importante para a historiografia, sublinha o fato de que não existe uma só verdade, mas diversas, dependendo do ângulo em que se as veja. É isso que explica Linda Hutcheon (1991), quando, ao falar sobre a metaficção historiográfica, afirma:

A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética – apenas uma contradição irresoluta... (p. 142)

Com isso, a importância de romances como *Bacia das almas* reside no fato de que qualquer contribuição, para o entendimento do passado, que não pretenda a primazia do conhecimento sobre esse passado, mas, apenas, uma visão a mais, uma fonte a mais, é bem-vinda.

#### *Anacronia e polifonia*

A disposição dos acontecimentos ou segmentos temporais no discurso narrativo está baseada numa dualidade: o tempo do enunciado e o tempo da enunciação. Essa característica torna possível toda espécie de distorções temporais, às quais o autor de ficção recorre para tornar mais instigante a obra literária.

O tempo da história de *Bacia das almas* se desenvolve em, mais ou menos, trinta anos. Desde o nascimento de Sérgio até o incêndio de Santa Flora, muitas personagens têm sua vida narrada. A escritura, no entanto, não acompanha cronologicamente as ações. Há saltos temporais entre os

capítulos e, muitas vezes, dentro dos próprios capítulos. Assim, começa-se falando de uma personagem no presente, e, às vezes na mesma página, passa-se a contar um pouco do seu passado.

As diferentes formas de discordância entre a ordem da história e a ordem da narrativa são estudadas por Gérard Genette em *Discurso da narrativa*<sup>19</sup> e recebem o nome de anacronias narrativas. Genette entende por prolepse a antecipação de um acontecimento e por analepse a evocação de fatos anteriores aos que se estão narrando no momento. No romance de Assis Brasil, destacam-se as analepses, presentes em quase todos os capítulos. Esses cortes no tempo vêm marcados apenas por espaços em branco entre uma linha e outra:

Agora desvia o olhar, é o médico Doutor Luís, com a esposa, que chegam para o final das palavras do promotor. Há pouco o trem apitara, todos diziam que era melhor aguardarem um pouco, o filho chegava de Porto Alegre; mas D. Márcia mandou seguirem com a cerimônia conforme estava previsto, pois os trens, assim que apitam, ainda costumam muito a chegar na estação. O Doutor Luís deve estar muito sentido, mas é engraçado que não fez o sinal-da-cruz quando todos fizeram.

Igual a tantas mortes sentidas, principalmente a de D. Santinha. Fazia pouco que haviam decidido mandá-lo para a França, e Luís preparava-se até à exaustão, forçando a aprendizagem de um francês que sabia jamais dominar... (p. 93).

Adota-se, portanto, um fluxo de tempo que é, justamente, aquele recomendado por Peter Burke aos historiadores: “um novo tipo de narrativa poderia, melhor que as antigas, fazer frente às demandas dos historiadores estruturais, ao mesmo tempo em que apresenta um sentido melhor do fluxo do tempo do que em geral o fazem suas análises<sup>20</sup>.” Ou ainda: “Estas novas formas incluem a micronarrativa, a narrativa de frente para trás e as histórias que se movimentam para frente e para trás, entre os mundos público e privado<sup>21</sup>”.

---

<sup>19</sup> GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, s.d.

<sup>20</sup> BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa... p. 338.

<sup>21</sup> *Ibidem*. p. 347. .

Outra técnica sugerida por Peter Burke e utilizada por Luiz Antonio de Assis Brasil é a adoção de mais de um ponto de vista. Processo conhecido como polifonia, ou seja, várias vozes participando da narrativa, que Seymour Menton define: “la multiplicidad de discursos, es decir, el uso consciente de distintos niveles o tipos de lenguaje”.<sup>22</sup>

Em *Bacia das almas*, a maior parte do enredo é narrada por uma voz em terceira pessoa, onisciente: “Sérgio começa a rir da figura do anão, que se virou todo, dando um giro na almofada, na intenção de vê-lo melhor; Ribas porém não se dá por achado: finge não ver o escárnio” (p. 21). Há, todavia, trechos narrados em primeira pessoa por Renato: “Eu estava gravemente vexado de estar desde oito da manhã lustrando a placa de latão fixada à porta do escritório; Rogério sempre me pede para fazer esse serviço...” (p. 33); e partes em que o narrador cede a palavra às personagens, como, por exemplo, a um motorista de táxi: “acho que devo guardar o sigilo profissional porque não é por ser motorista que minha profissão tem menos sigilo que as outras, não vou dizer nem uma linha mais do que acontece nas famílias de Aguaclara.” (p. 130-131). Dessa maneira, o leitor inteira-se dos fatos através de diferentes perspectivas.

Nesse sentido, a análise da técnica empregada nos diálogos revela que esses estão integrados à estrutura polifônica do romance. O narrador passa, na mesma frase, do discurso direto para o indireto e, desse, para o indireto livre, sem indicações de tal processo:

Luís levanta-se, desliga o rádio, acende um cigarro, apura o ouvido. Nenhum barulho lá fora. Todos parecem ter morrido. Perdi o sono, bosta. E hoje que tinha tudo pra dormir, perdi o sono, bosta. (...) Lina dorme na cadeira e isto é, parece, meio indecente. Desperta-a e a conduz para a cama, entre dormindo e acordada, ela balbuciando que foi o melhor champanha que já bebeu.

No salão do hotel Luís folheia os jornais, com raiva. O que Lina falou não deveria ter falado, mas...está bêbada, que durma. (p. 47)

O autor utiliza, ainda, uma técnica que se assemelha à montagem cinematográfica. Procede à imobilização de certas cenas, relata um acontecimento do passado e, em seguida, volta ao momento imobilizado, construindo a narrativa de modo a extrair das ações toda a amplitude das emoções

<sup>22</sup> MENTON, Seymour. *La nueva narrativa histórica...* p. 45.

por elas provocadas. Exemplo desse expediente é o episódio do enterro de Trajano, em que as prostitutas do Xangri-lá comparecem, mas não querem ser percebidas. Após o trecho “ – Tão passando os últimos músicos da banda. Depois desses nós vamos, não é? – Certo. Mas antes olha se não vem mais ninguém na rabeira.” (p. 84-85), a cena é interrompida por mais de quatro páginas, nas quais se narram acontecimentos envolvendo Trajano e Carmem, para continuar com as palavras: “ – Terminou de passar a banda, D. Carmem. – Então vamos atrás. Mas bem devagar.” (p. 90).

### À guisa de conclusão

Na ficção de Assis Brasil, nada é aleatório ou supérfluo. A técnica empregada no romance está estritamente ligada ao conteúdo e ao sentido que se quer difundir com a obra. Além disso, os estratagemas urdidos pelo narrador na construção dos significados que deseja salientar proporcionam, a um leitor atento, o tão almejado prazer estético.

É sob essa perspectiva que se destacam alguns aspectos simbólicos na narrativa. Dentre esses, o mais importante é a atenção dispensada ao fogo, recorrente na obra. Tal elemento aparece no início da história, quando Sérgio, irritado com a tirania de Trajano, incendeia a toalha e as cortinas da casa em Santa Flora. Sua paixão pelo fogo é evidente: “A lareira crepitava e Sérgio contemplou com agradecimento o fogo.” (p. 69). A atitude de revolta é frustrada; o fogo é apagado. No entanto, após a morte de Trajano, ele, com a ajuda dos peões amotinados da estância, consegue incendiar Santa Flora: “vê os peões novamente em volta da casa, as tochas brilhantes na mão; são conduzidos por Sérgio (...) chegam-se para mais junto da casa, Sérgio está determinando qualquer coisa, ah horror, encostam as tochas na casa, ah o inferno!” (p. 308-309).

No incêndio final, Márcia se fecha dentro da casa “como quem vai dormir um sono” (p. 309) e Ribas, para purgar seus pecados, atira-se ao fogo, dizendo “Fogo, eterno fogo, tudo veio de ti e tudo para ti volta, fazes e desfazes as vidas!” (p. 309).

As atitudes de Sérgio, Márcia e Ribas, apesar de suas diferenças, levam em conta que o fogo tem a capacidade de purificar, produzindo, a partir das cinzas, algo novo. É essa visão que justifica o título do romance, pois, como explica Fausto (cujo nome sugere alguém que tem pacto com o demônio):

– A noite do Sabá, anão, é aquela de que todos devemos participar, uma vez na vida; é a noite em que nos apercebemos de que existimos e nos tornamos conhecedores da

verdade. É a noite da confissão, desmanchamento, queda do paraíso. Horrível noite, da qual acordamos novos, resuscitados e limpos, lavados na bacia das almas.  
– Mas as chamas, Fausto, estão cercando a estância!  
– Somente o fogo verdadeiramente purifica; só o fogo é nobre e generoso, pois do que era carne deixa apenas as cinzas, apagando toda corrupção (p. 296-297).

Assim, todos precisam livrar-se dos resquícios, na estância ou na alma, da influência maléfica de Trajano, encontrando no fogo o elemento ideal para tanto.

O que se manifesta no nível da ficção, através da simbologia, pode ser estendido para a realidade. A análise aprofundada de *Bacia das almas* revelou que também a história do Rio Grande do Sul necessita de uma “purificação”, já que o discurso da historiografia sublinha os feitos de grandes heróis, sem máculas, quando Assis Brasil demonstra que os interesses individuais quase sempre estão por trás dos atos coletivos.

O romance do autor gaúcho, portanto, revigora o estudo do passado e deixa ver que uma literatura que se proponha levantar a poeira da história e buscar, nos seus interstícios, significados até então ocultos, presta um grande serviço à humanidade e torna-se digna de figurar entre os mais importantes instrumentos de cultura.

Luiz Antonio de Assis Brasil realiza, dessa forma, aquilo que Walter Benjamin julga essencial: “Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo<sup>23</sup>”, para verificar o que ficou esquecido no passado. E, espantosamente, nunca perde de vista o caráter literário da sua produção, conferindo-lhe elementos para que ela transcenda a simples narrativa histórica tradicional.

---

<sup>23</sup> BENJAMIN, Walter. *Op. cit.* p. 225.